

Salvador dos homossexuais: militância homossexual e homossociabilidade na Bahia nos anos 1980

Salvador gay: gay militancy and homosociability in Bahia in the 1980s

Ailton José dos Santos Carneiro

Mestrando em História social

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

ailtonet@hotmail.com

Recebido em: 10/06/2015

Aprovado em: 24/12/2015

RESUMO: A primeira organização homossexual baiana, o *Grupo Gay da Bahia (GGB)*, foi fundada em Salvador em 29 de fevereiro de 1980, sob a liderança do antropólogo Luís Mott. Dentre as novas estratégias políticas adotadas pelo grupo destaca-se a tentativa de politização da homossexualidade tanto dentro quanto fora do movimento. Nesta perspectiva, o presente estudo tem como escopo partir da cartografia dos espaços urbanos públicos ou comerciais que serviam como pontos de encontro para uma homossociabilidade ou homoerotismo em Salvador nos anos 1980, tendo em vista as relações estabelecidas entre os frequentadores destes locais com a militância homossexual baiana encampada pelo *GGB*. Para tanto, faz-se uso de uma revisão bibliográfica acerca da temática, da análise do Guia Gay da Bahia (1981), de matérias publicadas no *Jornal Lampião da Esquina* (1978-1983) e nos *Boletins Informativos do GGB* (1980-1988), e de fontes orais. E, por fim, analisa a rede de solidariedade e os conflitos decorrentes das intervenções do *GGB* nos espaços ocupados pelos amantes do mesmo sexo na capital baiana.

PALAVRAS-CHAVE: Militância homossexual, Homossociabilidade, Salvador-Bahia.

ABSTRACT: The first Bahian homosexual organization, Grupo Gay da Bahia (GGB) was founded in Salvador on February 29, 1980, under the leadership of anthropologist Luiz Mott. Among the new political strategies adopted by the group there is the attempt of politicization of homosexuality both inside and outside the movement. In this perspective, this study is scoped from the mapping of public and commercial urban spaces that served as meeting points for a homosociability or homoeroticism in Salvador in the 1980s, in view of the relations between the patrons of these places with homosexual militancy Bahia taken over by the GGB. For this, use is made of a literature review on the theme, the analysis of the Bahia Gay Guide (1981), of articles published in *Journal of Lampião da Esquina* (1978-1983) and GGB's Newsletters (1980-1988) and oral sources. And finally, analyzes the network of solidarity and conflicts arising from GGB interventions in spaces occupied by same-sex lovers in Salvador.

KEYWORDS: Gay militancy, homosociability, Salvador-Bahia.

Introdução

O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), como era denominado anteriormente o

movimento LGBT¹, emergiu no fim da década de 1970, com a abertura “lenta, gradual e segura”, do Regime Militar (1964-1985). E, intrinsecamente dois acontecimentos marcam os primeiros passos dos militantes, ou seja, a publicação da edição de número zero do “Jornal Lampião da Esquina”, em 1978, voltado à discussão de temas de interesse deste segmento social e de outras minorias, e o surgimento do primeiro grupo organizado de homossexuais, o “Somos – Grupo de Afirmação Homossexual”, fundado em São Paulo, neste mesmo ano.

Já no início da década de 1980, em meio à crise do Jornal Lampião da Esquina e do grupo *Somos-SP* e, posteriormente, com o encerramento das atividades dessas organizações, surgiu na Bahia, uma organização não-governamental também disposta a lutar pelos direitos civis dos homossexuais – o “*Grupo Gay da Bahia (GGB)*” –, formado pelo antropólogo paulista Luiz Mott. Assim, o *GGB* iniciou um novo estilo de militância política homossexual no país, muito mais específica e pragmática, focada na causa dos homossexuais, direcionando suas ações para além do interior da sociedade, tendo também como principal alvo o Estado. Essa nova forma de intervenção política dos homossexuais sob a égide da militância homossexual baiana foi propiciada, sobretudo, pelo processo de abertura política do Estado Nacional. Neste interstício, o *Grupo Gay da Bahia* se aproveitou das fendas abertas pela redemocratização do país para dar início a uma nova fase de politização da homossexualidade na Bahia e no Brasil.²

Dentre as novas estratégias políticas adotadas pela militância homossexual nos anos 1980, avulta-se, neste trabalho, a tentativa do *Grupo Gay da Bahia* de politização dos frequentadores do “gueto homossexual”³ de Salvador. Nesta perspectiva, esta proposta tem como escopo cartografar os espaços urbanos públicos ou comerciais que serviam como pontos de encontro para uma homossociabilidade ou práticas homoeróticas em Salvador nos anos 1980, tendo em

¹ Desde a Conferência LGBT, em 2008, o movimento político em torno da homossexualidade no Brasil é reconhecido pelas siglas LGBT, que designa a luta de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros na busca por cidadania plena e direitos humanos no país.

² Para Simões e Facchini: O movimento político em torno da homossexualidade no Brasil pode ser dividido em três “ondas” ou fases: a “primeira onda”, focalizada no período que corresponde a “abertura política”, de 1978 em diante, quando surge o grupo *Somos* e o jornal *Lampião da Esquina*; a “segunda onda”, da qual o *Grupo Gay da Bahia* faz parte, marcada pelo processo de redemocratização do país, nos anos 1980, e pelas mobilizações em torno da Assembleia Constituinte e no combate à epidemia do HIV-AIDS; e a “terceira onda”, iniciada a partir de meados da década de 1990, caracterizada pela parceria entre Estado e grupos homossexuais organizados, pela adoção da designação LGBT para identificar o movimento e a consagração das “Paradas do Orgulho LGBT” em todo país. (SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. *Na Trilha do Arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p.14).

³ “Gueto homossexual” refere-se a espaços urbanos públicos ou comerciais – parques, praças, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas, saunas – onde as pessoas que compartilham uma vivência homossexual podem se encontrar.” (SIMÕES, Júlio Assis & FRANÇA, Isadora Lins. *Do “gueto” ao mercado*. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/julio01.pdf>. Acessado em: 20 de agosto de 2014).

vista as relações estabelecidas entre os frequentadores destes locais com a militância homossexual baiana encampada pelo GGB. Para tanto, faz-se uso de uma revisão bibliográfica acerca da temática, da análise do Guia Gay da Bahia de 1981, de matérias publicadas no Jornal Lâmpião da Esquina e nos boletins informativos do GGB entre os anos de 1980 a 1988, e de fontes orais. Destaca-se a rede de solidariedade e os conflitos decorrentes das intervenções do *Grupo Gay da Bahia* nos espaços urbanos pelos amantes do mesmo sexo na capital baiana.

Vale salientar que a partir da segunda metade do século XX, a sociedade brasileira passou por importantes transformações, muitas delas ocasionadas pelo recrudescimento do processo de urbanização gerado pelo grande fluxo de migrações internas. Com isso, nas décadas de 1960 e 1970, as grandes cidades do país se tornaram o principal destino para um indivíduo ansioso em ingressar numa sociabilidade homoerótica e expressar coletivamente sua identidade homossexual. De acordo com o historiador estadunidense James N. Green⁴, a partir de 1972, houve nos principais centros urbanos brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, entre outros, um grande investimento em saunas, boates e discotecas voltadas, sobretudo, para o público homossexual masculino da classe média em expansão. Além desses espaços, os cinemas, praias e/ou praças públicas continuavam sendo importantes pontos de encontro eróticos, principalmente para os mais pobres e negros.

Para o sociólogo alemão Louis Wirth⁵, no artigo *O Urbanismo como Modo de Vida* (1938), o fenômeno da urbanização não deve ser compreendido apenas como um processo de atração de pessoas e inchaço das grandes cidades, mas também como um estilo de vida, uma influência que transpassa os limites do urbano. Segundo Wirth, são três as características básicas da cena urbana: quantidade de população, densidade da população e heterogeneidade. Desse modo, o sociólogo alemão define as cidades “como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos”⁶. Tamanha densidade demográfica e heterogeneidade garantia aos sujeitos ávidos em desfrutar dos prazeres do mesmo sexo, uma espécie de anonimato nas grandes capitais brasileiras. No entanto, como aponta Júlio Assis Simões e Regina Facchini⁷, esses grandes centros urbanos tão fascinantes e discretos também tinham seus riscos. Segundo os autores, mesmo o Código Penal Brasileiro não prevendo nenhuma punição à homossexualidade,

⁴ GREEN, James N., *Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

⁵ WIRTH, Louis. O Urbanismo como Modo de Vida. In: VELHO, Otavio (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. Pp. 89-112.

⁶ _____, *O Urbanismo como Modo de Vida*, p. 95.

⁷ SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. *Na Trilha do Arco-íris*, p.72 e 73.

constantemente homossexuais sofriam agressões sob a alegação de vadiagem ou prática de atos obscenos em público. Esse era mais um dos fatores que faziam com que muitos optassem por formas de socialização mais privativas, como era o caso das reuniões e festas de grupos de amigos em residências particulares, fã-clubes de cantoras de rádio, barracões de escolas de samba, entre outros. Mesmo atestando a escassez de fontes, Simões & Facchini destacam também alguns espaços de concentração de mulheres homossexuais nos grandes centros urbanos, como alguns bares, restaurantes, boates e pontos de encontros de intelectuais, mas sempre com um cuidado maior em comparação aos homens no que tange à discrição.

Esta concentração de sujeitos em espaços públicos ou privados visando uma sociabilidade homossexual nos anos 1970 e 1980 é o que os sociólogos e antropólogos urbanos denominam de “gueto homossexual”. Para Júlio Assis Simões e Isadora Lins França, “o ‘gueto’ é importante na medida em que proporciona um ambiente de contatos no qual as pressões da estigmatização da homossexualidade são momentaneamente afastadas ou atenuadas”⁸. Embora Simões e França reconheçam a importância da categoria analítica “gueto”, importada dos estudos sobre a concentração urbana da comunidade homossexual na cidade estadunidense de São Francisco, eles alertam que, no caso do Brasil, é preferível utilizar as categorias “mancha” ou “circuito”.⁹ No entanto, tratando-se de um trabalho historiográfico centrado nos anos 1980, período em que o termo “gueto” estava ainda muito disseminado no país, sobretudo, no discurso da militância homossexual, é considerável o seu aparecimento nesta discussão.

O processo de urbanização e de ampliação dos espaços públicos de sociabilidade homossexual na década de 1970 foi responsável também por propagar um novo modo de representar a homossexualidade. Surge assim, o “entendido”. De acordo com Green, esse termo já circulava no Brasil desde a metade da década de 1940, seu uso se referia aos homossexuais da classe média tradicional, em sua maioria “enrustidos”, mas se populariza mesmo ao longo dos anos 1960. É neste período que sua aplicação passou a ter um viés político de afirmação homossexual que se distanciava do comportamento sexual hierárquico baseado na oposição

⁸ SIMÕES, Júlio Assis & FRANÇA, Isadora Lins. *Do “gueto” ao mercado*. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/julio01.pdf>. Acessado em: 20 de agosto de 2014.

⁹ De acordo com José Guilherme Cantor Magnani: “são as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante.” [...] A noção de circuito. Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais: por exemplo, o circuito *gay*, o circuito dos cinemas de arte, o circuito neo-esotérico, dos salões de dança e shows black, do povo-de-santo, dos antiquários, dos clubblers e tantos outros.” (MAGNANI, José Cantor Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 17, nº 49, 2002, pp. 22-24).

binária entre a “bicha-passiva-feminina” e o “bofe-ativo-masculino” e introduzia no imaginário social, mesmo que ainda das classes mais elevadas e intelectualizadas, um modelo mais igualitário equivalente ao preconizado por uma identidade gay nos Estados Unidos após a “Revolta de Stonewall”¹⁰. Neste sentido, o “entendido” se distinguiu da “bicha” ou “boneca” por sua ênfase no gênero masculino e pelo seu desejo sexual por homens que compartilhavam dessa mesma identidade. Esse deslocamento político gerado por essas novas representações identitárias homossexuais afeta também o corpo e as atuações desses indivíduos, que passam a se afastar cada vez mais de um comportamento visto como feminino e adotar posturas másculas, criando assim um fosso entre a “bicha-louca” e o “entendido-politizado”.

Desse modo, não é difícil depreender que estes grandes centros urbanos, com suas espacializações de desejos e performances, novas subjetividades e representações homossexuais, foram também terrenos férteis para o surgimento de uma militância homossexual no Brasil no final dos anos 1970. No entanto, Edward MacRae¹¹ denuncia, no artigo *Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas*, publicado originalmente em 1982, o distanciamento dos primeiros militantes homossexuais, em regra de camadas mais intelectualizadas da sociedade, dos diversos frequentadores dos guetos homossexuais, vistos por estes como “alienados”. Esta polarização ficou evidente quando, em 1981, o *Grupo Gay Da Bahia* enviou um artigo para o *Jornal Lâmpião da Esquina*, porta-voz do MHB em sua primeira fase, para noticiar o 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste (EGHON). Segundo MacRae, o texto escrito pela militância baiana carregado de palavras de ordem como “au au au é legal ser homossexual”, “ado ado ser viado não é pecado”, entre outras, gerou um mal-estar nos editores do jornal que buscavam construir nas páginas do seu periódico uma outra representação da homossexualidade, muito mais respeitável e distante das veiculadas na grande mídia e encarnada pelos frequentadores dos guetos homossexuais.

Este episódio envolvendo o *Grupo Gay da Bahia* é elucidativo para se perscrutar acerca das relações estabelecidas entre os militantes homossexuais baianos e os frequentadores dos espaços

¹⁰ A Revolta de Stonewall nos Estados Unidos é considerada o marco da liberação homossexual em todo mundo. Segundo Simões e Facchini, na madrugada de 28 de junho de 1969, o bar Stonewall Inn, um estabelecimento voltado para o público homossexual no bairro de Greenwich Village, em Nova York, enfrentou mais uma batida policial. Entretanto, nessa noite os frequentadores do bar, em sua maioria jovens não-brancos, reagiram de forma inusitada, enfrentando os policiais em uma verdadeira sublevação coletiva que durou o fim de semana inteiro. Devido a forte resistência, os revoltosos gritavam e pichavam nos muros expressões como *Gay Power* (poder gay) e *Gay Pride* (orgulho gay). Os autores ressaltam que foi a partir daí que o ser “gay” adquiriu um caráter subversivo, numa ampla postura de contestação política e cultural. (SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. *Na Trilha do Arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 45).

¹¹ MACRAE, Edward. “*Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas*”. In: COLLING, Leandro (org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil*. Salvador; EDUFBA, 2011, p. 33 e 34.

de homosociabilidade em Salvador nos anos 1980, assim como perceber que locais eram esses e como o GGB atuou nesses espaços. Não obstante, de imediato é salutar analisarmos de forma mais detalhada o surgimento do *Grupo Gay da Bahia* e o processo de politização da homossexualidade engendrado pelo grupo nos anos 1980.

"Gueis baianos: rodem a baiana, tudo bem, mas deixem de ser alienados...": A fundação do Grupo Gay da Bahia (GGB)

O aparecimento de organizações civis em defesa dos direitos dos homossexuais no Brasil coincide com a terceira onda do ativismo homossexual no plano internacional, iniciada no decênio de 1960.¹² Conforme Júlio Assis Simões e Regina Facchini, essa fase permeada por constantes revoluções e transformações nos valores morais das sociedades foi o cenário propício para o surgimento dos grupos organizados de homossexuais em todo o mundo.

A tomada do poder pelos militares em 31 de março de 1964 gerou na sociedade brasileira uma cisão entre sociedade política e sociedade civil. O rompimento dessa delicada parceria atordoou diversos setores sociais em expansão e estancou o debate em torno de reformas sociais e políticas.¹³ Com a chegada ao poder do General Emílio Gastarrazu Médici, no ano de 1969, a repressão militar atingiu seu paroxismo. Já na virada para a década de 70, a resistência dos estudantes a um governo autoritário e a reorganização da classe trabalhadora, em muito, impulsionada pela ala progressista da Igreja Católica e várias correntes de esquerda, gerou uma onda contestatória que agitou diversos setores sociais.

Oportunamente, foi neste momento que se criou no Brasil toda uma agitação político-cultural em torno da homossexualidade. O “desbunde” de uma cultura homossexual embaraçou ainda mais esse confuso período da nossa história marcado pela Ditadura Militar. É nesse interstício que emerge uma identidade homossexual coletiva no país. O historiador Claudio

¹² Os historiadores e demais teóricos da homossexualidade destacam três importantes momentos do ativismo homossexual pelo mundo. De acordo com Prado e Machado, o primeiro momento inicia na Europa em meados do século XVIII, intensifica-se na metade do século XIX e tem seu desfecho no início do século XX, o segundo momento tem seu começo nos anos 1940 e se arrasta até a década de 1960, quando tem início à terceira fase do movimento homossexual com a irrupção da “Revolta de Stonewall” nos Estados Unidos, em 1969. (PRADO, Marco Aurélio Máximo e MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra Homossexualidade: A Hierarquia da Invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008).

¹³ Para mais informações sobre os impactos do golpe de 1964 para a democracia brasileira, ver: TOLEDO, Caio Navarro. *1964: O golpe contra as reformas e a democracia*. Revista Brasileira de História. Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 24. N° 47, 2004.

Roberto da Silva¹⁴ sintetiza pelo menos três acontecimentos que colaboraram para a tomada de consciência política por parte dos homossexuais no Brasil:

O primeiro se refere à imprensa alternativa que promove uma reformulação da imagem associada ao indivíduo que sente atração por outros do próprio sexo; ele deixa de ser tratado como um amaldiçoado, incapaz de auto-realização, para transformar-se num ser que poderia provocar a revolução da estrutura social; o segundo se refere a produção acadêmica que retira a discussão do campo da medicina e da psicologia para colocá-la no campo das ciências humanas, alterando o enfoque ideológico e teórico da questão homossexual; o tema deixa de ser tratado como vício abominável, patologia e desvio, para tornar-se uma variável neutra da sexualidade humana, estudada como subcultura socialmente construída; e o terceiro se refere aos novos movimentos sociais que viabilizaram uma crítica ao machismo e ao racismo do país, conduzindo à reformulação das noções de gênero e sexo e à consolidação da identidade do militante homossexual.¹⁵

Analisando estas irrupções citadas por Silva, percebemos que a imprensa alternativa desempenhou um papel de grande importância para a emancipação política dos homossexuais no país, sobretudo, com o surgimento do “Jornal Lampião da Esquina”, fundado em 1978, por Aguinaldo Silva, João Antônio Mascarenhas, entre outros. Em consonância com MacRae¹⁶, este periódico se diferenciou das demais publicações que tratava do tema devido a sua íntima relação com as organizações homossexuais que surgiram nesse período, fazendo com que as ideias veiculadas no jornal funcionassem como uma espécie de baliza para a construção de homossexualidades politizadas em todo o país.

Vale salientar ainda, conforme assinalado por Silva, a importância das mobilizações coletivas em torno de identidades de raça e de gênero no Brasil para a formação do MHB. Nesta empreitada, o feminismo e suas críticas ao patriarcado e a desigualdade de gêneros acrescentou muito à causa dos homossexuais. Da mesma forma, a luta contra o racismo tornou-se um importante referencial teórico, emprestando à militância homossexual certa rigidez e melindre em torno da identidade, o que fez com que o discurso da “vitimização” se tornasse, a partir daí, uma importante arma na busca pelos direitos dos homossexuais.¹⁷

Entre esses grupos homossexuais organizados que surgiram na década de 1970, estavam

¹⁴ SILVA, Cláudio Roberto da, *Reinventando o Sonbo*: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998.

¹⁵ _____, *Reinventando o Sonbo*, p. 8.

¹⁶ MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade*: Identidade sexual e política no Brasil da “Abertura”. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

¹⁷ De acordo com Maria da Glória Gohn, esses sujeitos coletivos configuram os chamados “novos movimentos sociais” com ênfase na afirmação e reconhecimento de identidades culturais, em oposição aos “movimentos sociais tradicionais” que se baseiam na luta de classes. (GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Novas Teorias dos Movimentos Sociais*. 2º ed. São Paulo: Loyola, 2008).

o *Somos* – Grupo de Afirmação Homossexual, Ação Lésbico-Feminista, Eros e Libertos de São Paulo, o *Somos* e o *Anê* do Rio de Janeiro, o *Beijo-Livre* de Brasília, entre outros. O *Somo-SP* se destaca devido ao seu pioneirismo e estilo de militância que se aproximava tanto dos ideais anarquistas, que tinha como maior representante interno João Silvério Trevisan, quanto da dialética marxista, defendida por James N. Green, mais conhecido como “Jimmy”. Além desses, de acordo com Edward MacRae¹⁸, compunha a organização ainda, o próprio MacRae, Glauco Mattoso, Jean-Claude Bernadet, entre outros.

Já na década de 1980, contrariando a tese de “acomodação” e “declínio”, o movimento homossexual vislumbrou nas fendas abertas pela redemocratização do país a possibilidade de terem suas reivindicações atendidas, iniciando assim um novo estilo de militância e diálogo com a sociedade política. Foi nesse interstício que surgiu o *Grupo Gay da Bahia*, fundado em Salvador, em 29 de fevereiro de 1980. A emergência do *GGB* está vinculada à chegada a Salvador daquele que seria o seu principal articulador: o antropólogo Luiz Mott. Em entrevista concedida ao jornal baiano “A Tarde”, em 16 de novembro de 2008, Mott remonta esse “mito de origem” do grupo. Segundo ele:

Eu vim para a Bahia depois de ter vivido uma relação heterossexual durante cinco anos, em Campinas, com duas filhas, aí então em 1978 eu assumi a minha homossexualidade e resolvi mudar para Salvador, fascinado pela beleza da cidade barroca, pelos negros, pelo clima e pelas frutas tropicais. E vim com a intenção de largar a universidade e viver uma vida meio hippie. Vim como professor visitante, e me beneficieei de um decreto de enquadramento, tornando-me professor adjunto. Depois fiz um concurso para professor titular. Em menos de um ano de chegado à Bahia, eu já tinha um namorado baiano, com o qual convivi durante sete anos. Estávamos numa tarde vendo o pôr-do-sol no porto da Barra quando um machão, percebendo que nós éramos gays - apesar de extremamente discretos -, me deu um tapa na cara, por pura homofobia. Foi a primeira vez na vida em que fui vítima de uma violência. Esse tapa na cara despertou a minha consciência da importância de defender os meus direitos como homossexual. [...] Aí a partir desse tapa na cara eu escrevi um anúncio para "O Lâmpião" que era assim: Bichas baianas, rodem a baiana, tudo bem! Mas deixem de ser alienadas. Vamos fundar um grupo de discussão sobre homossexualidade. Me escrevam!"¹⁹

O *GGB* contou inicialmente com a participação de 17 integrantes, todos homens, em sua maioria jornalistas, estudantes universitários e professores. Entre os membros-fundadores, chamam a atenção nomes como os de Ricardo Líper, Antônio Pacheco, também conhecido como Tony Pacheco, Alexandre Ferraz, Hédimo Santana, Wilson Santana, Aroldo Assunção, Huides Cunha, Davi Aranha, entre outros. Embora a iniciativa de formar um grupo político em torno da

¹⁸ MACRAE. *A Construção da Igualdade*.

¹⁹ Jornal *A Tarde*, 16 de novembro de 2008.

homossexualidade tenha partido de Luiz Mott, já se podia perceber nesse momento uma agitação político-cultural em Salvador para a construção de um movimento homossexual baiano. Muitos desses membros já discutiam e atuavam em defesa da homossexualidade, mesmo sem fazer parte de um grupo propriamente homossexual. Em entrevista concedida a Silva, Mott narra a formação do grupo:

Na época, um militante do movimento homossexual de São Paulo... que era baiano, voltou a Bahia. Ele entrou em contato comigo, colocou-me em contato com alguns anarquistas, jornalistas e professores. Essas pessoas também tinham pensado em organizar algo relacionado a movimento gay. Fizemos os primeiros contatos e marcamos a primeira reunião do Grupo Gay da Bahia. Foi no dia 29 de fevereiro de 1980... era um ano bissexto!! Reunimo-nos, dezessete pessoas num sábado à noite, estavam o Aroldo, Ricardo Líper, o caso de Ricardo Líper que era o Antônio Carlos Pacheco, um outro que chamava-se Alexandre Ferraz – anarquista-jornalista –, Carlinhos e o seu caso... Wilson. Este último era negro... ele se separou do Grupo Gay depois de dois anos e fundou o Adé Dudu.²⁰

Pode-se destacar entre esses membros citados por Mott, Ricardo Líper, Tony Pacheco e Alex Ferraz que, juntamente com outros estudantes da UFBA, fundaram o jornal anarquista “O Inimigo do Rei”, mais um importante editorial da imprensa alternativa do Brasil no período da Ditadura Militar. Além desses anarquistas, é notável também a participação de Wilson Santos que desde 1979 já atuava no Movimento Negro Unificado (MNU) baiano.²¹

A convocação direta de Mott e o fato dos demais membros não terem nenhum envolvimento com partidos políticos de esquerda fez com que o grupo se voltasse exclusivamente para as demandas da homossexualidade, contrapondo-se assim ao grupo Somos-SP que desde a sua fundação foi marcado por uma quebra-de-braço interna sobre a questão da participação ou não na “luta maior” – luta de classes. O que contribuiu, em muita medida, para a cisão do grupo.

Outra importante diferença do movimento homossexual baiano em relação à experiência paulista estava relacionada à construção de uma identidade homossexual coletiva do grupo. Enquanto o “Somos” trazia a necessidade de uma afirmação identitária homossexual no próprio nome, o GGB já nasce com essa identidade definida e consolidada compondo uma das suas siglas. Não obstante, antes de isso representar um contraponto entre esses dois grupos, trata-se mais de uma continuidade. Uma prova disso foi que logo de início o grupo iria se chamar

²⁰ SILVA. *Reinventando o Sonho*, p. 460.

²¹ Estas informações podem ser encontradas na entrevista concedida por Wilson Santos ao blog “Adé Dudu”. Disponível em: <http://adedudu.blogspot.com.br/2011/05/um-pouco-de-historia.html>. (Acesso em 02 de março de 2013).

“Somos-Bahia”, depois, por sugestão de Aroldo Assunção, o grupo foi definitivamente batizado de “Grupo Gay da Bahia”.²²

Já assumidos, a primeira aparição pública do GGB ocorreu em 13 de maio de 1980, em um ato público do MNU contra o racismo e a falsa abolição da escravatura. Aproveitando a ocasião, e a multidão que aguardava o som dos tambores da banda “Olodum”, Mott subiu no palanque para discursar sobre a dupla discriminação sofrida pelos homossexuais negros na sociedade baiana. Esse discurso era fruto dos debates que já ocorriam no grupo, levantados, sobretudo, por Wilson Santos.

A partir de 1982, o Grupo Gay da Bahia iniciou um processo de institucionalização. Primeiro, o grupo tratou de obter uma sede para as suas reuniões e organização das suas ações. O responsável pela concretização desse projeto foi Luiz Mott, que adquiriu um imóvel por conta própria para a instalação do grupo. A inauguração festiva da nova sede do GGB na Escada da Barroquinha, Edifício Derby, ocorreu em 15 de abril de 1982.²³

Outra importante iniciativa foi a elaboração de um estatuto nesse mesmo ano. Antes disso, a distribuição das tarefas e tomada de decisão no interior do grupo se dava por meio de consenso, de acordo com a concepção anarquista predominante no movimento, numa fórmula muito semelhante à do grupo Somos-SP. Nesse momento criou-se um regimento interno estabelecendo um colegiado composto por seis conselheiros, seis coordenadores, tesoureiro, arquivista, secretário e o presidente e vice-presidente. Para Marcelo Cerqueira²⁴, essa nova postura do grupo foi uma estratégia encontrada pelos seus membros para delinear e viabilizar novos projetos.

Em 1983, após uma longa batalha no judiciário que contou com a cooperação do advogado e militante homossexual João Antônio Mascarenhas, o *Grupo Gay da Bahia* obteve o registro de sociedade civil sem fins lucrativos. Essas primeiras conquistas da militância

²² Informações concedidas por Marcelo Cerqueira, em 27 de fevereiro de 2012. Vale ressaltar que Marcelo Cerqueira só ingressou no Grupo Gay da Bahia em meados da década de 1980, portanto, os dados cedidos por ele, anteriores a isso, por mais que tenham um caráter memorialístico, trata-se de uma “memória herdada”, pois foram informações adquiridas no convívio com Luiz Mott e demais membros-fundadores do grupo. O conceito de “memória herdada” se encontra nas formulações do sociólogo Michael Pollak. Segundo ele: “se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.” (POLLACK, Michael. *Memória e identidade Social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212).

²³ BOLETIM DO GRUPO GAY DA BAHIA, Ano I, n° 03, Abril de 1982.

²⁴ Informações concedidas por Marcelo Cerqueira, em 27 de fevereiro de 2012.

homossexual baiana marcam o início de uma nova fase política da militância homossexual no Brasil. A partir desse momento, muitas das questões que emperravam o MHB em sua primeira fase, como as divergências político-ideológicas, resistências a qualquer forma de burocratização, a ausência de uma identidade homossexual coletiva consolidada e o afastamento do gueto gay, foram deixadas de lado. Ao invés disso, essa década presenciou o surgimento de grupos de homossexuais empenhados em discussões mais orgânicas, menos resistentes a institucionalização, focados numa identidade homossexual já estabelecida e preocupados com uma politização da homossexualidade tanto dentro quanto fora do movimento.

Esta nova postura política assumida pelos militantes homossexuais baianos deu a tônica da relação do *Grupo Gay da Bahia* com os frequentadores dos espaços de homossociabilidade em Salvador nos anos 1980. Na busca por uma maior politização da homossexualidade, o GGB passou a mapear as áreas de maior concentração homossexual da capital baiana. Destarte, cabe agora identificarmos que locais eram esses e como se dava a interação dos integrantes do grupo com os usuários desses espaços.

“Lugar praticado”: espaços de homossociabilidade em Salvador nos anos 1980

O lugar destinado aos homossexuais na estruturação social não fabrica apenas subjetividades, representações e práticas. A materialidade dessas produções se dá, principalmente, na ocupação do espaço e no uso que se faz dele. Conforme Michel de Certeau:

Um *lugar* é a ordem (seja ela qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. [...] O *espaço* é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram.” Por isso ele afirma que “o espaço é um lugar praticado”, ou seja, é onde os sujeitos põe em movimento a posição que ocupa dentro da estruturação social.²⁵

Nesta perspectiva, “o espaço é um lugar praticado.”²⁶ Segundo Certeau, os espaços se especificam pelas ações dos sujeitos históricos. É por excelência existencial. Por conseguinte, zonas identitárias. Assim, o espaço urbano de Salvador recortado pelos amantes do mesmo sexo foi um *locus* privilegiado para a atuação do Grupo Gay da Bahia nos anos 1980, uma vez que sua geografia revelava diversas identidades e demandas homossexuais na luta por uma “cidadania

²⁵ CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 16º Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009, p. 184.

²⁶ _____. *A invenção do Cotidiano*, p. 184.

plena”²⁷.

A consideração do espaço enquanto lugar praticado, conseqüentemente, território identitário, é importantes para que percebamos na modernidade o fio condutor que une as questões sexuais às relações de poder. A estreita ligação entre sexo e verdade na era moderna não fabricou apenas discursos, trata-se, sobretudo, de um saber aplicado, o resultado desse entrelaçamento é visível na realidade das instituições e dos corpos, nas subjetividades e nas práticas dos indivíduos. O sujeito que se constitui na modernidade é um portador de uma sexualidade. “Pois, o essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer: ‘Para saber quem és, conheças teu sexo’.”²⁸. De acordo com Foucault, cria-se um “dispositivo da sexualidade”²⁹.

Essa gama de “espécies *sexualis*” é essencialmente rotulada e direcionada a ocupar um lugar na sociedade. Para Stuart Hall, a identidade sempre se desenvolve em contextos marcados por relações de poder, é o meio pelo qual se “costura (ou para usar uma metafórica médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura”³⁰. Nesse sentido, a identidade cultural de um indivíduo é a imagem da posição que ele ocupa na sociedade moderna, representa sua “categoria”. Entretanto, segundo Hall, essa concepção sociológica clássica está cedendo espaço para outros argumentos que preveem a possibilidade desse mesmo indivíduo assumir diversas identidades. Essa constatação que o ser humano pode possuir múltiplas facetas nos gera fortes desconfianças acerca da necessidade de assumir uma identidade. Tal perspectiva serve ainda para desindexar o significado do conceito da homossexualidade, o que nos possibilita atentarmos para as diferentes formas pelas quais os sujeitos, ditos homossexuais, constroem suas identidades, concebem sua atuação político-social e orientam seus afetos e desejos sexuais no tempo e espaço.

Esta concepção de uma dimensão política do uso dos espaços urbanos também orientava a atuação do *GGB* nos anos 1980. Tendo em vista que o *Grupo Gay da Bahia*, logo em sua

²⁷ Para José Murilo de Carvalho, uma “cidadania plena” seria aquela que combinasse liberdade, participação e igualdade para todos. Conforme Carvalho: “Tornou-se costume desdobrar a cidadania em direitos civis, políticos e sociais. O cidadão pleno seria aquele que fosse titular dos três direitos. Cidadãos incompletos seriam os que possuísem apenas alguns dos direitos. Os que não se beneficiassem de nenhum dos direitos seriam não-cidadãos.” (CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O longo caminho*. 11^o ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 9).

²⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 229.

²⁹ Para Foucault, o “dispositivo da sexualidade” é um mecanismo de poder que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, leis, enunciados científicos, proposições filosóficas e morais, com um objetivo de fazer com que o indivíduo confesse sua sexualidade. “Por confissão entendo todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito.” (_____, *Microfísica do poder*, p. 264).

³⁰ HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 11^o Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 12.

fundação, tinha como um dos seus principais objetivos: “atingir o maior número possível de homossexuais, conscientizando-os da necessidade de se organizarem e defenderem seus direitos de pessoas humanas normais, com os mesmos direitos legais dos demais cidadãos”³¹. Tal preocupação do grupo com esses territórios de sociabilidade homossexual partia da concepção que a existência desses espaços delimitados, por si só, evidenciava a negação dos direitos civis dos homossexuais. No entanto, esta constatação ao invés de servir para distanciar os militantes baianos dos guetos gays da cidade, negando sua importância na luta por uma cidadania plena homossexual, impulsionou-os ainda mais a lutarem pelo seu fortalecimento e ampliação, visando uma maior ocupação da cidade por aqueles que desfrutavam dos prazeres com o mesmo sexo.

Para Sandra Jatahy Pesavento, o reverso da cidadania é a exclusão social dos indivíduos, sua segregação espacial, seu direcionamento para os “maus lugares”.³² Percebe-se então que a cidade não é apenas uma arena de disputa, é também o que se disputa. Assim, na mais perfeita tradução do léxico urbano o que se encontra é o poder. Para Michel Foucault³³, o que delinea um território é sempre um certo tipo de poder que o vigia e o controla

Os “outros espaços” da cidade de Salvador – “heterotopias”³⁴ – foram cartografados pelo *Grupo Gay da Bahia* na primeira edição do “Guia Gay da Bahia”, publicado em 1981. Neste informativo produzido pelo grupo são listados os principais locais e estabelecimentos de sociabilidade homossexual na capital baiana no início da década de 1980, alguns deles em funcionamento desde os anos 1940 e 1950. Nesse excuro pela “Salvador dos homossexuais” duas regiões da cidade se destacam por atrair grandes agrupamentos de pessoas amantes do mesmo sexo: o centro e a extensa orla da cidade.³⁵

Na região central, as áreas de maior concentração eram: a Praça da Sé e o Terreiro de Jesus, pois muitos dos seus frequentadores residiam no Pelourinho; a Rua da Ajuda, com suas travessas e becos escuros que permitiam práticas sexuais “mais livres”; a Praça Municipal, devido

³¹ MOTT, Luiz. *A cena gay de Salvador em tempos de Aids*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000, p. 31.

³² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

³³ FOUCAULT. *Microfísica do Poder*, p. 157.

³⁴ Foucault define “heterotopia” como sendo os espaços de contraposicionamentos reais. Para ele: “Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis.” (FOUCAULT, Michel. *Outros Espaços*. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Fonte Universitária, 2009, p. 415).

³⁵ GRUPO GAY DA BAHIA. *Guia Gay Da Bahia*. 1981.

a grande circulação de pedestres que utilizavam o Elevador Lacerda; a Praça Castro Alves, principalmente nos dias de carnaval; a Praça da Piedade; a Rua Carlos Gomes; Largo dos Aflitos; e a Praça do Campo Grande. Na orla, no roteiro indicado pelo grupo, as principais áreas de convergência homossexual eram o Porto, o Farol e o Cristo da Barra, principalmente aos sábados e domingos, a Pituba, a Praia dos Artistas, no bairro da Boca do Rio, e a Praia de Placaford.³⁶

Neste momento, já se pode perceber também em Salvador a formação de um “mercado gay” com a presença de bares e boates voltados para, ou tendo como principais frequentadores, um público homossexual, em sua maioria das camadas médias, e em alguns casos, travestis e garotos de programa. Dentre esses estabelecimentos se destacavam a sofisticada Boate “Holmes”; situada no bairro do Gamboa; Boate “Tropical”, na Baixa dos Sapateiros; Boate “Safari”, na Rua Carlos Gomes, comandado por Waldeyton di Paula; e os bares “Cactus”, localizado no “Beco dos Artistas”, no Garcia, e o “Oásis” e o “Braseiro”, na Carlos Gomes. De acordo com o “mapa homossexual” elaborado pelo GGB, no início dos anos 1980, as lésbicas eram predominantes no “Zanzibar” e no “Barzim”.³⁷ Em matérias enviadas para o Jornal Lâmpião da Esquina, leitores soteropolitanos deste periódico também traçam seus roteiros de homosociabilidade na cidade de Salvador. Segundo relato de “Paulo Emanuel”:

A porta do Teatro Castro Alves foi descoberta no verão passado, entre os shows de Caetano, Simone e outras. Os gueis [sic] invadiram e formaram o "clube da escada". [...] Perto daí, no bairro de Fazenda Garcia, logo no começo, há um "beco" onde um francês inaugurou também pela mesma época do verão, um barzinho e restaurante. O barzinho era freqüentado pelos do "clube da escada" e por outros gueis, em geral classes B e A, que desfilavam os seus mais recentes modelos via Paris ou mesmo Iguatemi (shopping center). [...] Para gueis mais "barra pesada" (não há discriminação no tempo: somos todos iguais na noite, e no dia também), existem bares na Rua Carlos Gomes (centro) onde se pode encontrar companhia e bebida barata. [...] Nos bairros da Vitória e Barra há também bares para gueis classe A. [...] No Terreiro, Pelourinho e adjacências, é fácil a pegação barra pesadíssima, com michês. [...] Na minha modesta opinião, o clube da escada é o melhor local para quem vem de fora. [...] E ainda tem o fato de que se encontra aí pessoas de nível cultural alto, com quem se pode, além de transar um ótimo relacionamento sexual, trocar idéias, sensibilidades, talentos, vida. (Paulo Emanuel).³⁸

A ênfase dada às classes sociais dos frequentadores desses estabelecimentos comerciais, por parte desse informante, evidencia as desigualdades socioeconômicas e culturais no interior da

³⁶ GRUPO GAY DA BAHIA. *Guia Gay Da Bahia*.

³⁷ _____. *Guia Gay Da Bahia*.

³⁸ JORNAL LÂMPIÃO DA ESQUINA. Ano 2. Nº 14, Julho de 1979, p. 4.

comunidade homossexual. Para o cientista político Juan P. Pereira Marsiaj³⁹, os locais públicos são sempre mais ocupados por homossexuais de classes mais baixas, expostos a todo tipo de vulnerabilidade, enquanto os espaços privados, saunas, bares, boates e outros, concentram um maior número de homossexuais das classes média e alta. Tal observação já poderia ser feita na década de 1980, uma vez que com a expansão de um mercado voltado para os homossexuais o *status* socioeconômico não definia apenas a classe social dos membros da comunidade, mas também o grau de marginalização que este sujeito poderia sofrer, podendo ser classificado como o “gay rico” ou “entendido”, mais palatável numa sociedade heteronormativa, ou a “bicha pobre”, vulnerável a todos os tipos de discriminações. Estes conflitos de classe entre os amantes do mesmo sexo na cena gay de Salvador foram evidenciados pelo *Grupo Gay da Bahia*, no artigo intitulado “*Bahia by Night*”, publicado em seu boletim informativo em abril de 1982. Segundo os militantes baianos:

Lastimavelmente, os gays baianos contam com mínimas opções na noite soteropolitana. Não temos nenhuma sauna gay. O principal cinema freqüentado pelos entendidos, o Capri, desde que pegou fogo, deixou a turma desamparada, passando vexame no Bristol devido à medieval intransigência de um tal gerente que mais parece um leão de chácara. Nem todos dispõem de Cr\$ 1.000,00 para passar uma noite no Holmes agora com máquina que solta neve e fogo londrino, tudo importado dos States. A boite Tropical, a Cr\$ 200,00 embora não seja tão violenta e baixo nível como muita bicha despeitada e metida a burguesa costuma alardear por aí, tem um inconveniente: os desagradáveis bofes e caçadores que costumam ficar estacionados na porta, inoportunos e muitas vezes perturbadores.⁴⁰

Com isso, pode se perceber que mesmo com o aumento dos espaços de homosociabilidade e de práticas homoeróticas na capital baiana, estes locais ainda eram poucos e restritos a um público seletivo, composto majoritariamente por homens brancos das camadas médias. Na própria apresentação do “Guia Gay da Bahia” de 1981, o *GGB* expõe uma Salvador para o turista interessado em desfrutar dos prazeres com mesmo sexo em sua visita, como uma cidade de desempregados, pobre e violenta, principalmente, se comparada às grandes cidades do sul-sudeste do país.

Diante destas limitações financeiras, muitos baianos ansiosos em praticar sexo entre iguais buscavam outros pontos de encontro de homossexuais que fossem mais acessíveis, como era o caso dos cinemas, como o “Cine Astor”, na Rua da Ajuda, o “Bistol”, no Politeama, e o “Pax”, na Baixa dos Sapateiros, entre outros, ou até mesmo sanitários públicos, que também eram

³⁹ MARSIA J., Juan P. Pereira. Gays Ricos e Bichas Pobres: Desenvolvimento, Desigualdade Socioeconômica e Homossexualidade no Brasil. *Cadernos AEL*. Vol. 10. Nº 18/19. 2003.

⁴⁰ *BOLETIM DO GRUPO GAY DA BAHIA*. Ano I. Nº 3. Abril de 1982.

utilizados para práticas homoeróticas.

Estes relatos acerca da espacialização da homossexualidade em Salvador no início da década de 1980 deixam escapar ainda uma outra preocupação dos militantes homossexuais baianos. Pois, além de demarcar os locais de homosociabilidade e homoerotismo na cidade, podemos perceber nas publicações do *Grupo Gay da Bahia* uma classificação dos amantes do mesmo sexo da cidade em “gays” ou “bichas”, “travestis”, “michês” e “bofes” ou “homens com práticas homossexuais”. Nesta tipologia dos homens soteropolitanos que praticavam sexo com homens, o grupo se valia dessas nomeações adotadas por esses próprios sujeitos para perceber a relação dessas diferentes subjetividades e representações homossexuais com os usos dos espaços públicos e privados na capital baiana.

A cartografização desses territórios e estabelecimentos ocupados por homossexuais em Salvador, nos início dos anos 1980, foi o que permitiu ao *Grupo Gay da Bahia* desempenhar uma série de ações voltadas para uma maior politização da homossexualidade na Bahia. Não obstante, muitas vezes estas relações eram marcadas não apenas por relações de solidariedade, como também de conflitos.

Solidariedade e conflitos: as relações entre o GGB e o “gueto gay” nos anos 1980

A atuação do *Grupo Gay da Bahia* nesses espaços urbanos dominados pelos amantes do mesmo sexo se dava de diversas formas, mas sempre tendo como objetivo “conscientizar” seus frequentadores da necessidade de lutar pelos seus direitos e tentando suprir suas diferentes “carências”, por se tratar de um grupo tão heterogêneo. Nesta finalidade, o GGB manteve um diálogo com os guetos homossexuais de Salvador, realizando manifestações político-culturais, distribuindo panfletos ou informativos acerca dos direitos civis ou negação deles para a comunidade homossexual, pichando em muros frases de conteúdos valorativos sobre a homossexualidade, coletando assinaturas para abaixo-assinados que visavam à alteração ou a promulgação de leis, e prestando serviços sociais ou defendendo gays, lésbicas e travestis das agressões praticadas por policiais militares e outros indivíduos que destilavam seu ódio contra esses sujeitos. Estas ações do grupo nas áreas de maior concentração de homossexuais em Salvador, principalmente no que tange ao combate à violência, são relatadas por Marcelo Cerqueira. Segundo seu depoimento:

A atuação do GGB, ela se dava, especialmente, porque naquela época havia muita repressão a travestis, a homossexuais. Então, era uma época que ainda existia a tal Delegacia de Jogos e Costumes, então muitos travestis e gays eram

presos porque não tinha a carteira de trabalho assinada nas mãos. [...] E, na delegacia, eram presos justamente por estarem na rua, acusados como vadiagem. Na delegacia eram obrigados a fazer faxina de banheiro, limpeza da delegacia, cozinhar e, muitas vezes, prestar serviços sexuais a outros presos e a outros indivíduos. Tínhamos uma ação muito presente nos “Beco dos Artistas”, num dos primeiros bares chamado “Cactus”, no “Zanzibar” também, na Federação, um bar lésbico, também a gente tinha muita ação lá e na antiga “Boate Tropical”, que funcionava na Rua do Pau da Bandeira. Era muito comum nessa época a polícia entrar nas boates e mandar acender as luzes e diziam “caçador de um lado e veados de outro”. E era horrível porque era um acinte aos direitos humanos. Então, o GGB lutou muito, batalhou muito, brigou muito com a polícia, durante muitos anos e situações como essas hoje não ocorrem, graças a essa ação que a gente fez.⁴¹

Com a transferência da sede da entidade para a Barroquinha, em 15 de abril de 1982, o *Grupo Gay da Bahia* começou a conviver e combater as cenas de abuso e agressões sofridas por homossexuais mais de perto. Isso ocorria porque de frente às novas instalações do grupo ficava um banheiro público que era frequentemente utilizado por indivíduos que buscavam desfrutar dos prazeres com o mesmo sexo. No Brasil, a prática de relações sexuais em público era (e ainda é) considerada ilegal, crime de ato obsceno⁴². Respaldaado nessa lei, e em seus próprios preconceitos, muitos policiais constrangiam, agrediam e prendiam vários frequentadores desse local. Diante das arbitrariedades do poder policial, o *GGB* atuou como um defensor dos frequentadores desse sanitário público.

9/12/82: Carta do GGB ao Secretário de Segurança Pública, (divulgada na Tribuna da Bahia) denunciando constantes violências da Polícia Militar contra os usuários do banheiro público da Barroquinha. Pichação na entrada do mictório: CUIDADO, VIOLÊNCIA! CUIDADO, PERIGO!⁴³

Além das diversas ações promovidas pelo grupo, a sede funcionava também, em alguns momentos, como uma espécie de “albergue” para gays, lésbicas e travestis vítimas de violência por discriminação sexual ou sem recursos para se manterem em Salvador. Como foi o caso da travesti mineira Paloma encaminhada ao grupo depois de ter sido encontrada perdida e sem dinheiro nas ruas da capital baiana. Este fato mereceu até um relato nos boletins informativos do grupo:

31/5: Um travesti mineiro, Paloma, foi encaminhado ao GGB, sem dinheiro e perdido na cidade: alojamos a amiga por uma noite na sede, presentamos a mineira com alguns tickets de restaurante e a levamos à pensão de Marli

⁴¹ Depoimento concedido por Marcelo Cerqueira em 27 de fevereiro de 2012.

⁴² “Art. 233. Praticar ato obsceno em lugar público, ou aberto ou exposto ao público. Pena – detenção, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, ou multa. (BRASIL. *Código Penal*. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Vade mecum. São Paulo: Saraiva, 2015).

⁴³ *BOLETIM DO GRUPO GAY DA BAHIA*. Ano II, nº 6. Março de 1983.

(travesti): dias depois voltou para Minas.⁴⁴

Essas aproximações da militância gay com os frequentadores do gueto homossexual nem sempre se dava de forma tão solidária ou amigável. Os conflitos entre eles ocorriam, sobretudo, devido à postura crítica do grupo frente às representações da homossexualidade produzidas por esses homossexuais. Por diversas ocasiões, os militantes protestaram contra os concursos de beleza, como o “Miss-Gay Bahia”, por considerarem implícitos nestes eventos a reprodução do machismo e da submissão feminina, além de não perceberem nestes ajuntamentos nenhuma contribuição para a luta homossexual.

No dia 28 de setembro, no Teatro Vila Velha, foi realizado o “2º Concurso da Beleza Gay” com o tema “Gay Paris”. O GGB aproveitou a oportunidade para questionar a validade de tais concursos numa carta aberta a toda a população e especialmente aos gays: “Há vários anos que as mulheres conscientes se recusam ser meros objetos de consumo da sociedade machista, denunciando a carência dos concursos de miss. Não obstante ainda hoje as bichas insistem em eleger a miss Brasil-Gay, a miss Cacau-Gay, etc.” A carta prossegue afirmando: “Um concurso de travestis pode até ter uma importância política na medida em que as bichas usassem de seu travestismo para criticar a rigidez da divisão sexual dos papéis, roupas, etc. Infelizmente, nem sempre isto é lembrado”.⁴⁵

Os conflitos desvelavam mais uma vez a “luta de representações”⁴⁶ acerca da homossexualidade entre os amantes do mesmo sexo, deixando transparecer assim uma dicotomia que tinha, de um lado, os “respeitáveis militantes”, e do outro, as “bichas loucas”. Sem embargo, a despeito destas e de outras críticas, diferentemente da experiência da militância do *Grupo Somos-SP*, o *Grupo Gay da Bahia*, em certa medida, assimilou como tática política a “fechação” que tanto contrariava o movimento homossexual paulista. Isto ficou evidente no acontecimento relatado acima por MacRae, quando o GGB enviou um artigo para a publicação no *Jornal Lampião da Esquina*, em 1981, contendo gritos de ordem como “éte éte éte, é gostoso ser gilete”, “o coito anal derruba o capital”, além das já citadas. O que gerou um desconforto na militância homossexual esquerdista do jornal, fazendo com que esta censurasse trechos do artigo considerados por eles frívolos e que serviriam apenas para reforçar ainda mais o preconceito contra os homossexuais. O sociólogo e ex-integrante do *Somos-SP* conta que foi só depois de muita discussão por parte do corpo editorial que se chegou ao consenso de se publicar ao menos um resumo do artigo, mas somente por se tratar de um texto sobre a militância homossexual no

⁴⁴ *BOLETIM DO GRUPO GAY DA BAHIA*. Ano II, nº 04, Setembro de 1982.

⁴⁵ _____. Ano I, nº 2. Outubro de 1981.

⁴⁶ Para Chartier: “As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.” (CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 18).

país, com a ocasião do I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados do Nordeste.

De acordo com MacRae, este incômodo da militância homossexual com a “desmunhecação” de certos homossexuais frequentadores do “gueto gay”, dava-se, sobretudo, pelo tom jocoso que muitos integrantes da comunidade homossexual se referiam a alguns valores e discursos sacralizados até pelo próprio movimento homossexual. Para MacRae:

Por ridicularizar todos os valores da sociedade, a “fechação” parece roubar dos militantes os pontos de apoio para as suas reivindicações e talvez seja esta a chave para a compreensão do seu poder, que está além da militância social e em um nível existencial profundo nos remete ao aspecto lúdico de nossa existência.⁴⁷

Outrossim, o *devoir* da “fechação” de muitos frequentadores do gueto homossexual pode ser entendido como uma forma de resistência à politização da homossexualidade sob a égide dos movimentos homossexuais, vista como tão necessária para conquista da cidadania plena, sobretudo, por partes dos militantes baianos do GGB. A socióloga Scherer-Warren sustenta que esta ênfase na cidadania foi de extrema importância para a ação dos novos movimentos sociais na década de 1980. Segundo a autora, “esta prática política decorre de uma reavaliação, estimulada pelo trabalho de educadores populares junto aos movimentos, dos princípios de legalidade e legitimidade.”⁴⁸ Todavia, comenta a autora, que muitas vezes este papel de educador era confundido com o de “dono” do movimento. No caso do *Grupo Gay da Bahia*, em seus primeiros anos, esta função educadora ficou, notadamente, sob a responsabilidade do seu principal representante – Luiz Mott. Sua posição de professor universitário e suas produções acadêmicas e literárias sobre a homossexualidade lhe conferiam o lugar de “intelectual orgânico”⁴⁹ do movimento. Esta noção de politização é corroborada também por Ciro Flamarion Cardoso, quando este afirma que: “a politização de sua sociedade consiste na existência de uma autoridade (princípio mediador) exterior à comunidade de base”⁵⁰.

No contraponto desta ideia de politização, o ato de desmunhecar pode ser perspectivado como um ato político de reivindicação de si, uma tática de recusa de uma consciência externa e

⁴⁷ MACRAE. *Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas*, p. 33 e 34.

⁴⁸ SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 55.

⁴⁹ De acordo com Gramsci, o intelectual orgânico é proveniente do grupo social que o gerou, tornando-se seu especialista, organizador e homogeneizador, em contraposição, ao intelectual tradicional que acredita estar desvinculado das classes sociais. Cf.: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: volume 2*. 6ª ed Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011; e GRAMSCI, Antonio. *Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

⁵⁰ CARDOSO, Ciro Flamarion. “História e Poder: uma nova história política?”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 38.

“superior”, uma forma de não se alienar de si mesmo. Para Foucault⁵¹, quando a politização ocorre a partir das práticas particulares de cada sujeito, através de experiências concretas e imediatas, pode-se produzir toda uma teia de saberes que se estende “de um ponto de politização para outro” – redes de intelectuais específicos –, evitando assim a figura do “intelectual orgânico”, provedor de uma consciência política. Nesta perspectiva, a “fechação” de muitos homossexuais não seria uma forma de negar a importância desses movimentos sociais, mas sim de criticar seus *modi operandi*.

A partir da segunda metade da década de 1980, estas relações entre a militância homossexual e os homossexuais não-organizados marcada pela solidariedade e por conflitos adquirem novas feições. Isso, devido à confirmação dos primeiros casos de contágio do vírus do HIV/AIDS no Brasil. Desde a descoberta dessa “peste rosa” em 1982, como ficou conhecida a doença em seus primeiros anos, em decorrência do fato de ter atingido principalmente homossexuais, o GGB tratou de noticiar nas páginas do seu boletim todas as informações sobre essa contaminação no país. Nesse informe continha os principais sintomas da “AIDS”, sigla em inglês da “Síndrome de Imunodeficiência Adquirida”, como passou a ser conhecida esta doença, suas formas de contágio e os meios para evitá-la. Em 1985, quando esta epidemia já era uma realidade no Brasil, e a imprensa e os médicos passaram a reforçar antigos preconceitos contra os homossexuais, como a sinonímia entre homossexualidade e doença. Neste momento, havia ainda por parte da militância homossexual, além do medo de contágio, um receio que suas ações de combate a essa epidemia viesse atrelá-la mais ainda a homossexualidade, tornando-se mais um estigma. Esse primeiro posicionamento dos militantes homossexuais brasileiros está presente no depoimento de Edward MacRae, concedido a Claudio Roberto da Silva (1998). Nas palavras de MacRae:

Quando voltei ao Brasil, a idéia era que se tratava de mais um complô médico. A questão da AIDS era vista como outra fórmula pseudocientífica para oprimir os homossexuais, fazê-los retornar à margem. Muitos dos antigos militantes defendiam esse parecer. Certamente, também teria tomado esta posição, mas havia estado nos Estados Unidos e visto que o caso era sério. Os norte-americanos não estavam mais defendendo as antigas posições, então comecei a ver a questão sob outro prisma. Assim, houve momentos em que ocorreram algumas discordâncias entre eu e os militantes, mas eles eram pessoas inteligentes e logo começaram a perceber os perigos que estavam correndo.⁵²

No final dos anos 1980, o combate ao HIV/AIDS se tornou a principal luta do *Grupo Gay da Bahia*, aproximando-os ainda mais dos espaços de homosociabilidade e de práticas

⁵¹ FOUCAULT. *Microfísica do Poder*, p. 9.

⁵² SILVA. *Reinventando o Sonho*, p. 351.

homoeróticas da cidade de Salvador, devido a seu trabalho de prevenção da doença. Da mesma forma, a tipologia traçada pelo grupo acerca dos amantes do mesmo sexo na capital baiana serviu também para eles ampliarem o “grupo de risco” desta doença. Atribuindo, assim, ao Estado a devida responsabilidade de garantir as condições para uma dignidade humana, como proteção social e saúde pública. Estas ações eram divulgadas nos boletins informativos do grupo:

3-12 [3 de dezembro de 1986]: Fomos contatados pela BEMFAM (Sociedade Civil pelo Bem-Estar Familiar) com a qual assinamos um convênio para a distribuição gratuita de “camisinhas” junto à comunidade gay: até o presente já distribuimos mais de 20 mil preservativos no “gueto gay”, com texto explicativo das vantagens de seu uso para evitar todo tipo de doenças sexualmente transmissíveis. Grande publicidade na Imprensa sobre essa campanha, inclusive com elogio do Ministro Roberto Santos, citando nominalmente o GGB.⁵³

Além do engajamento do GGB na luta contra o avanço da epidemia do HIV/Aids na Bahia e no Brasil, esta nota revela também a preocupação da militância baiana em se manter próxima e atuante nos espaços que eles mesmos denominavam de “gueto gay”. Tal empenho e envolvimento com as políticas de saúde pública do Estado, na virada e início da década de 1990, fez com que o GGB adquirisse muito mais um formato de ONG, em detrimento da sua condição de movimento social, mas esta é uma outra discussão.⁵⁴

Conclusão

Este trabalho apresentou uma breve análise das relações estabelecidas entre o *Grupo Gay da Bahia* e os frequentadores dos guetos homossexuais da cidade de Salvador nos anos 1980. Para tanto, antes de qualquer coisa, foi necessário traçar o mapa dos territórios ocupados pelos amantes do mesmo sexo na capital baiana. Com isso, percebem-se as intervenções do GGB nos espaços urbanos utilizados pelos homossexuais em Salvador, atrelada a concepção de sujeitos que recebiam um tratamento de “cidadãos de segunda classe” – “cidadãos incompletos”. Pois, além do estigma da homossexualidade, as baixas condições materiais de vida de muitos desses sujeitos, assim como da maior parte da população baiana, contribuía para ampliar o grau de vulnerabilidade social a que estavam expostos. Assim, a atuação do GGB nesses locais era pensada como mais um passo rumo à conquista da cidadania homossexual plena. Esta solidariedade entre o *Grupo Gay da Bahia* e o gueto homossexual em Salvador ficou mais evidente, sobretudo, a partir das campanhas de luta contra o vírus HIV-AIDS na segunda metade da

⁵³ BOLETIM DO GRUPO GAY DA BAHIA. Ano VII, nº 14. Abril de 1987.

⁵⁴ Para mais informações sobre atuação do Grupo gay da Bahia no combate a epidemia do HIV-AIDS ver: MOTT, Luiz. *A cena gay de Salvador em tempos de Aids*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.

década de 1980. A partir daí, o grupo encampou a batalha pela prevenção e combate a essa epidemia com sendo a sua principal bandeira.

Numa breve análise comparativa, nota-se ainda que a postura política homossexual adotada pelo grupo baiano a partir dos anos 1980, diferenciou-se da experiência da militância homossexual paulista do *Grupo Somos-SP*, devido, dentre outras estratégias, a uma maior aproximação com o gueto gay, o que permitiu aos militantes baianos absorver em alguma medida práticas de “fechação” como tática política. No entanto, este diálogo do *GGB* com os demais membros da comunidade homossexual soteropolitana, não impediu, por outro lado, que cessassem os conflitos em torno das representações da homossexualidade.

Por fim, a descrição espacializante da homossexualidade em Salvador nos revela muito mais do que desmunhecações, astúcias sexuais, desejos suprimidos, redes de solidariedade e conflitos. Através dessa geografia homossocial e homoerótica podemos perceber toda uma teia de saberes que articula lugar e espaço, lutas de representações, exercícios de poder e linhas de fuga, além de subjetividades assumidas ou atribuídas historicamente às pessoas, grupos ou instituições. Embora tenha sido apresentada de forma estática, a “Salvador dos homossexuais”, dos anos 1980, é uma cartografia que não se fixa em fronteiras, mas que se desloca de forma intersubjetiva através das diversas conexões estabelecidas por seus transeuntes. Cabem-nos, portanto, continuarmos desvendando suas diversas rotas.